SOMOS FEITOS PARA A FELICIDADE

e alguma memória menos boa tenho dos meus tempos de escola primária é de quando a minha querida profes- sora se ausentava da sala e me dei- omar conta dos meus colegas. Eu era a ma responsável em quem os professo- avam, mas deixarem-me a controlar 30 com a obrigação de escrever no quadro dos que se portavam menos bem, era adeira tortura para mim.

á dessa altura a minha certeza de que i para liderar. Chamadas de atenção, os e murros na mesa nunca foram o e, pelo que sempre me julguei branda para assumir o controlo do que quer : que envolvesse pessoas. Tive algumas cias bem-sucedidas, é certo, na escola lha vida profissional, mas não poucas ag" de projectos onde a liderança im- ma delicada gestão de conflitos.

a crença em soluções diplomáticas, no e na negociação, tão simples em teo- lava-se sempre bem mais complexa na . A questão da "liderança" ficou-me atravessada, pelo que este ano decidi r-me numa formação em liderança po- empática – o tipo de liderança em que , apesar de tudo. E tenho-me fascinado uantidade de investigadores que se de- sobre este tema, bem como a quanti- metodologias e práticas já criadas, que nge de ser uma utopia.

Pelo contrário, são práticas já rotineiras no seio de muitas empresas e organizações, e a razão é muito simples: ambientes positivos, de diálogo e preocupação com o bem-estar de quem traba- lha, são também ambientes onde as pessoas se sentem mais felizes, acarinhadas, valorizadas. E, quem se sente bem, não quer mudar de em- prego, trabalha melhor, falta menos, e até tem condições para ser mais saudável.

Se esta formação me tem dado a conhecer ca- sos de empresas e instituições capazes de im- plementar práticas positivas, também me tem feito reflectir sobre aquilo que pode impedir as melhores práticas de se tornarem eficazes: por um lado, falhas na liderança; por outro, a im- preparação das pessoas para este tipo de práti- cas, o que pode ser explicado, em boa medida, pela educação a que foram sujeitas ao longo da vida. Às famílias cabe uma boa dose da res- ponsabilidade – os pais precisavam também de ter tido outra formação –, mas como os filhos ainda estão em formação, e existe um lugar pri- vilegiado para isso (a escola!), é nela que muito pode ser feito.

Um ensino repressivo, cinzento, sem tempo para ouvir, onde impera a competitividade, o erro é punido, e todos são avaliados pela mes- ma medida, independente das suas mais-valias pessoais, é uma escola que não forma cidadãos para estas novas práticas positiva tário, uma escola que adoece alunos, porque é fonte de stress, motivação. Que futuros cidadão formar numa escola onde não in a motivação e a esperança? O prioridade ao bem-estar e à feli quando sabemos que isso é a chi Generalizo, é certo, porque não plos de escolas onde professores trariam o que escrevi.

Multiplicam-se também as forma fessores na área do bem-estar e nasceu, recentemente, um no aluno que valoriza também ou cias e valores, praticados dentro la. A sociedade civil também s acções, projectos e petições pa a escola, mas a mudança é len te porque envolve muitas pesso mudança, condicionadas por a modelos menos positivos: castr vos, de desconfiança, demasiad sufocantes.

Hoje sabemos, porque o assunt plamente estudado, como estes cados em pequena ou larga esca à política), são capazes de mol dade durante décadas, e a pan a aceitação de um conjunto de sentido, que nos fizeram regre de bem-estar (sujeitos a inúme punições) e de qualidade das rel (isolados ou em bolhas, mergul ções digitais).

Agora que se fala no fim da pa ciso estarmos vigilantes, e arreg para lutar por aquilo que sabe melhor para o ser humano. So a felicidade e para os bons relac dessa forma que prosperamos n Com maior ou menor vocação ça (eu continuo a ter muito qu tempo de cada de nós assumir o mudança. ■

M: mail.sararodi@gmail.com